



ORIENTE MÉDIO

Protestos aumentam pressão em Israel

Milhares de israelenses ocupam as ruas desde o fim de semana passado, acusando governo de priorizar aniquilação do grupo terrorista Hamas em vez do resgate de reféns na Faixa de Gaza. Terror aumenta após novos ataques

A noite de ontem foi marcada por mais protestos israelenses pela libertação de reféns em poder do grupo terrorista Hamas. Mobilizada há mais de uma semana, a população, incluindo os familiares dos sequestrados, exige que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu faça um acordo de cessar-fogo na Faixa de Gaza. Em Tel Aviv, os organizadores contabilizaram meio milhão de pessoas nas ruas, segundo a imprensa local. As manifestações também ocorreram em cidades como Jerusalém, Haifa e Cesareia, próximo à residência do premiê israelense. A greve geral teve início no último fim de semana, após a localização de seis corpos de reféns da organização palestina desde o ano passado.

Ainda ontem, um ataque aéreo israelense atingiu um complexo escolar no norte de Gaza, matando ao menos três pessoas e ferindo mais de 20, de acordo com a Defesa Civil do território governado pelo Hamas. Mahmud Massal, porta-voz do órgão, relatou que os mísseis atingiram um local de oração e uma sala de aula, onde deslocados buscavam abrigo. O exército justificou



Manifestações pedem libertação de reféns israelenses mantidos em cativeiro. Revolta cresce após localização de seis corpos em Gaza

o ataque como um “bombardeio de precisão” dirigido a um suposto centro de comando do Hamas. O governo de Netanyahu tem intensificado investidas contra escolas, alegando o combate a extremistas.

De acordo com balanço recém-divulgado pelo Ministério da Saúde na Faixa de Gaza, o número de mortes chegou a 40.939 desde o início da guerra. Os conflitos continuam provocando um massivo deslocamento

da população, com milhares de palestinos buscando refúgio em escolas e outras instalações temporárias. A crise humanitária na região é agravada pela destruição e os bombardeios incessantes, que completaram 11 meses

neste sábado, sem perspectiva de trégua.

Novos ataques no Líbano também acenderam alerta ontem. Três paramédicos libaneses foram mortos e dois outros ficaram feridos, um deles



Netanyahu acusa Hamas de recusar propostas de cessar-fogo

gravemente. O Hezbollah afirma ter se tratado de uma investida israelense. Os profissionais foram atingidos enquanto prestavam socorro em focos de incêndio na cidade de Faroum, no sul do país. O Ministério da Saúde local condenou a ação como um “ato flagrante” e destacou que o ataque atingiu um caminhão de bombeiros. Esse foi o segundo ataque a uma equipe de emergência em menos de 12 horas. Autoridades israelenses afirmaram estar analisando o relatório sobre o bombardeio.

VENEZUELA

Brasil perde custódia da embaixada argentina

A Venezuela revogou a permissão concedida ao governo brasileiro para representar a embaixada argentina em Caracas. A decisão foi tomada ontem, em meio à tensão envolvendo seis colaboradores da líder opositora María Corina Machado, acusados pela capital de planejar atividades terroristas.

A medida de Caracas segue após denúncia da oposição sobre o cerco à embaixada argentina, protegida pelo Brasil desde 1º de agosto. A situação começou após o rompimento das relações

com Buenos Aires e diversos países que questionaram a reeleição de Nicolás Maduro, ainda sem comprovação. O Ministério das Relações Exteriores da Venezuela alegou que a missão diplomática estava sendo usada para atividades ilegais por fugitivos da justiça venezuelana.

De acordo com a Agência France-Press (AFP), agentes de segurança cercam a embaixada desde a noite de sexta-feira, com a presença de, pelo menos, quatro patrulhas e um posto de controle. Pedro Urruchurtu, um dos

refugiados, relatou no X (antigo Twitter) que o cerco continua, com presença intensificada de oficiais encapuzados e bloqueio da rua para veículos.

A Venezuela também revogou a autorização para o Brasil cuidar dos bens e arquivos da missão diplomática. Em resposta, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) expressou surpresa e afirmou, neste sábado, que continuará defendendo os interesses da Argentina, conforme as Convenções de Viena,

até que outro Estado aceitável para o governo venezuelano seja designado.

A disputa que levou à reeleição de Maduro, anunciada pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE), gerou controvérsias internacionais e protestos internos, resultando em mortes e prisões. A oposição, que alega fraude, continua reivindicando a vitória de Edmundo González Urrutia, enquanto os Estados Unidos, a União Europeia e vários países latino-americanos pedem uma verificação dos votos.

YORMAN MALDONADO, GUSTAVO GODOI / AFP / AFP



Forças de segurança cercam a sede diplomática desde sexta-feira

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A CHINA SEDUZ A ÁFRICA

“Juntos por um futuro melhor”, dizem as faixas espalhadas ao longo das principais avenidas de Pequim. Por elas, trafegam, desde os primeiros dias de setembro, quase todas as principais figuras à frente dos governos dos 54 países da África.

Talvez fosse esperado que um encontro de tal envergadura fora do continente africano ocorresse mais comumente em Nova York, sede das Nações Unidas, ou mesmo em Washington, capital da potência que liderou a economia mundial após a Segunda Guerra, ou então em alguma capital europeia, continente que por muitos anos manteve colônias na África. Mas não. Quem realmente decidiu investir no continente africano, num patamar elevado de fluxos de capital e demais trocas, foi a China.

O encontro em Pequim é a cimeira trienal do organismo criado para organizar as relações políticas e econômicas entre a China e o continente africano: o Fórum de Cooperação

China-África (FOCAC), cuja criação se deu no mesmo ano em que países da União Europeia (UE) participaram do primeiro encontro de chefes de Estado e de Governo da África e da UE. A cimeira UE-África, que se deu no Cairo, foi, assim, a primeira do seu tipo. Ainda, não foi à frente com o mesmo ânimo da FOCAC.

É também verdade que encontro semelhante foi inaugurado por Barack Obama em agosto de 2014, em Washington. A Cúpula de Líderes EUA-África foi, no entanto, uma resposta aos encontros de cúpula do FOCAC inaugurados em Pequim. Ainda que bem-intencionada, a tardia resposta ao exemplo chinês também não anda bem.

Por exemplo, enquanto os encontros EUA-África ficaram a ver navios durante os anos Trump — que não visitou a África uma única vez sequer durante seu mandato —, eles seguiram de vento em popa entre a China e os países africanos.

No fim de 2022, Joe Biden reeditou a Cúpula de Líderes EUA-África com grande comparecimento dos mandatários africanos em Washington. Ainda, é notável que parece que os EUA gastam mais em tinta para criticar o que os investimentos chineses representam para a África do que fazer frente com um cheque maior e mais permanente.

Ou seja, ainda que tenham base as críticas de que os investimentos chineses na África tenham um punhado de fragilidades, os EUA não têm mostrado vontade de formular uma alternativa aceitável. Criticam muito, entregam pouco.

Apesar das críticas aos investimentos chineses, muitas vezes amarrados em acordos opacos atrelados aos desígnios de Pequim, o fato é que são esses investimentos que estão possibilitando um crescimento econômico bastante positivo no continente africano. E, nesse processo, diversos países estão

se desenvolvendo mais rapidamente do que se dependessem apenas das benesses de órgãos das Nações Unidas, do Banco Mundial ou da colaboração padrão praticada por EUA e UE.

A cimeira da FOCAC em Pequim, em 2006, foi a primeira de seu tipo fora do continente africano. Em seguida a ela, tentando se posicionar um pouco melhor, os europeus lançaram a Estratégia Conjunta África-U, em 2007, em Lisboa. Enquanto o FOCAC acelera, a Estratégia Conjunta África-UE caminha sem animação ou recursos.

Agora, em 2024, Xi Jinping prometeu dias atrás à cúpula da FOCAC intensificar o apoio da China à África com um financiamento de cerca de US\$ 51 bilhões ao longo de três anos — valor 10 vezes maior do que o valor de empréstimos acertados na cúpula da FOCAC em 2006. Novos projetos que devem criar pelo menos 1 milhão de empregos na África.

Observando a onda sendo surfada por outros países, o Brasil também tentou liderar uma aproximação com a África. E fez isso de forma inovadora, ao incentivar a criação da Cúpula América do Sul-África (ASA), envolvendo assim

todos os países de nosso continente sul-americano desde 2006. Todavia, a última cimeira da ASA ocorreu em 2013, em Malabo, na Guiné Equatorial. Faz, então, uma década de pouco engajamento e projetos conjuntos demonstrando a dificuldade brasileira e sul-americana em operar políticas de Estado para além dos ciclos políticos.

Por fim, é importante notar que a aproximação da China com a África não surgiu do nada em 2000. Os chineses colaboraram de forma decidida com os esforços de independência de vários países africanos na segunda metade do século 20. São laços importantes que o Partido Comunista Chinês mantém com diversos partidos de origem revolucionária que ainda estão à frente de seus países, sobretudo na África austral. A ideia de que estariam “juntos por um futuro melhor” não é, portanto, mera propaganda vazia de história e investimento reais. Por isso, será cada vez mais comum ver a África, com seus recursos naturais e demandas mil, aceitar a sedução das parcerias ofertadas pela China.

PAULO DELGADO, sociólogo